"*LENDO & RELENDO* - LER A REALIDADE:" O DIÁLOGO ENTRE OS TEXTOS FOCALIZANDO ASPECTOS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E CULTURAIS NA IMPRENSA LAGEANA

Rita de Cássia Bleichvel
Uniplac/SC
ritableichvel@gmail.com

Maria de Lourdes Pinto de Almeida
Uniplac/Unicamp
malu04@gmail.com

RESUMO

A leitura de jornal é uma das ferramentas didáticas de importância no processo de ensino-aprendizagem. Podemos relacionar o que fazemos, lemos, pensamos e escrevemos, ao que acontece em nosso cotidiano. A leitura jornalística produz resultados de influência em nossas vidas. É a partir do conhecimento da realidade que o diálogo entre os textos se concretiza, pois é impossível imaginar a vida descontextualizada dos aspectos políticos, econômicos e culturais. Partindo desta abordagem sobre a leitura jornalística nos reportamos à necessidade de trazer para o ambiente da sala de aula, o jornal Correio Lageano, que completou em 2009, 70 anos de história na Serra Catarinense. A imprensa lageana tem como princípio apresentar os assuntos com seriedade e pesquisa, assim como informações imparciais, com a intenção de formar opiniões, denunciar, cobrar soluções para problemas da região. Dentre outras iniciativas pedagógicas, o projeto *Lendo & Relendo* auxilia na formação de leitores/as nas escolas que participam enviando produções de textos e relato de atividades, recebendo gratuitamente, as edições semanalmente. A Metodologia utilizada foi a histórico-crítica onde a realidade recortada na matéria se faz presente como a contradição da teoria vista em sala de aula, utilizando o debate e assembléias para dar movimento às idéias, sempre objetivando uma nova tese, nova teoria para dar continuidade ao trabalho pedagógico. Diante dessas considerações, a linguagem se constitui, portanto, nessa mão dupla da interação, que cria um "diálogo" sempre diferente entre interlocutores/as, em função do contexto histórico-social.

Palavras-Chave: O uso do jornal na sala de aula, leitura crítica de jornais, formação de leitores/as

1. APRESENTAÇÃO

Leitura de Jornal como um Processo Dinâmico e Ativo

Liberdade – essa palavra
Que o sonho "humano alimenta:
Que não há ninguém que explique,
E ninguém que não entenda!"
(Cecília Meireles)[1]

Há muito tempo se considera a capacidade de ler essencial à realização pessoal, e, hoje em dia, é cada vez mais aceita a afirmação de que o progresso social e econômico de um país depende muito do acesso que as pessoas têm aos conhecimentos indispensáveis transmitidos pela palavra impressa.

Surge então a necessidade de uma visão mais coerente sobre o ato de ler por parte daqueles envolvidos com a educação, com a formação de leitores/as que saibam trabalhar criticamente o material escrito.

A leitura é a condição para a verdadeira ação cultural que pode ser implementada nas escolas. Esse tipo de leitura, que está longe de ser mecânica, isto é, que não produz novos significados, feita através da caracterização do conjunto de exigências com o qual o leitor/a crítico se defronta.

É importante ressaltar que, em nosso trabalho, essas exigências não são definidas em termos de um conjunto de habilidades padronizadas; pelo contrário, trata-se de conscientizar o leitor/a de que o exercício de sua reflexão sobre o material escrito não visa o simples reter ou memorizar, mas o compreender e o criticar.

Desta forma, iremos expor um trabalho onde o aluno/a através dos atos de decodificar e refletir, ampliará seus conhecimentos. Mas o encontro dessas alternativas somente poderá ser plenamente efetivo na transformação, ou seja, na ação sobre o conteúdo do conhecimento. Pois o hábito da leitura crítica em conjunto com o material jornalístico irá ao encontro com a construção *do discurso do próprio aluno/a*.

---

[1] MEIRELES, Cecília. In*: Romanceiro da Inconfidência*. 6. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989, p.108)

Num sentido amplo, esse ato corresponde ao processo de apreensão da realidade que cerca o sujeito. Essa realidade se revela ao leitor/a através de variadas linguagens/gêneros textuais - portanto, o ato de ler não diz respeito à apreensão da realidade somente através da leitura do escrito.

Segundo Cheida (2007, p. 3),

> Vale ressaltar que a leitura crítica de um jornal na perspectiva política, econômica, social e ética exige uma abrangência temática e um rigor crítico para alcançar uma reflexão consequente, desalienante e sistematizada.
> A ética torna-se essencial como referência reflexiva, por razões valorativas que conectam o sujeito-leitor ao mundo das relações de poder.
> A informação vinculada nos jornais, jamais deve ser manipulada somente como um produto mercadológico, deve ser um bem social que sirva ao público.

Portanto, ler um "*texto*" implica não só apreender a realidade, mas também trazer para esse texto nossa experiência e nossa visão de mundo como leitor/a. E a cada leitura essa interação leitor/a e texto favorece a produção de um novo texto, dando ensejo à expressão de uma linguagem diferenciada, formadora de opinião.

2. ANÁLISE DA LEITURA CRÍTICA

É preciso permitir que o aluno/a descubra as intenções do autor/a desse texto e também perceba que os elementos organizadores da narrativa não só participam do todo o texto como também têm significado em relação ao todo. Em resumo, é trabalhar a compreensão aguçando a sensibilidade para certas características do texto, a fim de que ele possa ascender a uma interpretação do significado.

Para que essa análise não se restrinja ao significado do texto, é preciso que esse processo leve a relacionar a leitura de um texto à leitura de outros textos, às suas vivências e ao seu mundo.

Essa leitura com finalidade de estudo habitua o aluno/a a selecionar os dados que interessam a seus objetivos, o que lhe será muito útil não só ao longo de seu processo de escolarização, como também pela sua vida afora.

Seria difícil conceber uma escola onde o ato de ler não estivesse presente. Isto ocorre porque o patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade se encontra fixado em diferentes tipos de material impresso.

O ato de ler, sempre envolve apreensão, apropriação e transformação de significados, a partir de um documento escrito. Leitura sem compreensão e sem recriação do significado é pseudoleitura.

As afinidades entre a escola e leitura se mostram a partir das circunstâncias de que é por intermédio da ação da primeira que o sujeito se habilita à segunda. Concebendo-se a alfabetização como um direito a todos e todas, o que justifica sua franca expansão entre os diferentes povos e civilização do planeta, em muitas situações, ela não se concretiza sem o concurso do aparelho escolar, de modo que este se equipa e se estrutura, para atingir sua meta com eficácia.

Estas relações, por sua vez, não são mecânicas, como se a escola fosse a causa, e a leitura, a consequência. Tratando-se de fenômenos afins, mesclam-se de tal maneira, que se torna impraticável, e até estéril, tentar discernir suas respectivas fronteiras. Além disso, escola e leitura passaram por um incremento simultâneo, a partir de um certo momento da história do Ocidente, reforçando a parceria entre elas. E, enfim, a crise de leitura tem sido interpretada também como uma crise da escola. Confirmando-se, pois, os elos entre a instituição ligada ao ensino e a prática da leitura, cabe compreender suas histórias concomitante e resultados comuns, para delimitar o papel que a escola pode vir a desempenhar, no redimensionamento de suas dificuldades mútuas.

2.1. História social da leitura

A universalidade do ato de ler provém do fato de que toda pessoa está intrinsecamente capacitada a ele, a partir de estímulos da sociedade e da vigência de códigos que se transmitem preferencialmente por intermédio de um alfabeto.

Como estes estímulos passam a ocorrer com grande intensidade a partir do século XVIII, a leitura se revela como um fenômeno historicamente delimitado e circunscrito a um modelo de sociedade que se valeu para sua expansão.

A consolidação de um público leitor que se converte em um mercado ativo e exigente, talvez, o fenômeno cultural mais impressionante a caracterizar a sociedade ocidental desde então. Pois ele determina uma mudança radical no processo de circulação da cultura, que se vulgariza, ao se mostrar adquirível por qualquer cidadão/ã, pela mesma razão, torna-se mais democrática. Por sua vez, é enquanto um mercado atuante que o público emergente aciona uma nova indústria: a da própria cultura; e essa, uma vez em movimento, exige sempre novos contingentes de consumidores/as, para se expandir de modo contínuo. Enfim, sua estabilização não ocorreria sem a contribuição da escola, que se reformula e funciona como um elemento de iniciação à socie-

dade, motivando o irreversível envolvimento ideológico do ensino e da pedagogia com os valores daquela.

Com o domínio generalizado da habilidade de ler, consequência da ação eficaz da escola, opera-se uma gradativa, mas irreversível, democratização do saber. Por outro lado, aparecem as primeiras expressões da cultura massificada, devido à explosão de uma literatura popular, cuja transmissão se fizera, até aquele momento, por intermédio das formas orais, acompanhadas pela música. Sem perder sua popularidade, a literatura descobre novas vias de propagação entre seu público, gerando a chamada "*Leituromania*" que levou pedagogos da época a campanhas de esclarecimentos e alerta contra os perigos da leitura em excesso. Igualmente é resultado do período a noção de uma leitura de índole especial, mais adequada e objetiva: aquela que se destinasse às obras úteis, de caráter informativo ou evangélico, que conduzissem à meditação ou à aprendizagem, impedindo o escapismo e a fantasia.

Estando vinculados estes pedagogos ao pensamento dominante naquele momento, verifica-se que a promoção da leitura e do valor da escola, que compunha seu suporte material, tem entre os iluministas seus grandes aliados. Pois estes veem no livro o instrumento fundamental para a difusão do saber e o meio através do qual cada um se apropria da realidade, endossando seu caráter utilitário e, ao mesmo tempo, sua natureza emancipatória. Por isto, se o Iluminismo patrocina uma visão distorcida da função da cultura, ao valorizar sobremaneira seu elemento imediatista, por outro lado o movimento estabelece a relação primordial para o desdobramento da ideologia que, até hoje, sedimenta a validação da leitura em nossa sociedade: a de sua índole emancipadora, na medida em que propicia o ingresso no ideário liberal elaborado pela burguesia (classe de onde provinham) e que está depositado nas obras escritas. Deste modo, o conhecimento vem a ser concebido como a ponte para a liberdade e para a ação libertadora. Recorrendo à cultura como maneira para desafiar a tradição que legitimava o poder da aristocracia, a classe burguesa, através do pensamento iluminista, submete-se a práticas que a divulgam, alargando, com isto, o âmbito de circulação do saber e da leitura que a coloca ao alcance dos olhos; concomitantemente, porém, ela funda uma teoria da liberdade e do significado da emancipação, que vem a superar o momento histórico em que foi formulada em virtude de sua utilidade para os propósitos imediatos desse grupo.

Nesta medida, escola e leitura, na sua reunião fraterna, que persiste por mais de dois séculos, podem conter significados opostos, sendo que a ênfase num deles depende, muitas vezes, da orientação geral da política pedagógica.

Entretanto, por desencadear um processo de democratização do saber e maior acesso aos bens culturais, a escola é um elemento de transformação que não pode ser negligenciado. E esse fator relaciona-se especialmente com a leitura, o que pode ser comprovado, num primeiro momento, a partir das distintas políticas de alfabetização que caracteriza os países do Terceiro Mundo.

Com efeito, os povos emergentes, em virtude de sua urgência de emancipação nacional, desencadeiam programas de alfabetização em massa, através de campanhas patrocinadas pelo Estado, sobretudo quando este se proclama de extração popular.

Por outro lado, ninguém contesta a importância da leitura para a realização pessoal e para o progresso social e econômico de um país. Embora seja relativamente fácil ensinar uma criança ou mesmo um adulto/a a reconhecer letras e palavras, dominando a mecânica da leitura, é o treino, o desembaraço, a assiduidade e a motivação do leitor/a que fixará este hábito e transformarão o ato de ler numa experiência ao mesmo tempo agradável e condutora do conhecimento. É por este motivo que a escola se torna o lugar ideal para a promoção do hábito de ler nas crianças e jovens, devendo então se preocupar em desenvolver estratégias para o ensino eficaz da leitura.

De acordo com o amadurecimento do leitor/a, verifica-se uma diferente motivação e interesse pela leitura. Do mesmo modo, o treinamento da consecução da leitura deve variar, adaptando-se a um conceito progressivo, entendido como processo mental.

A partir de modernas teorias sobre o desenvolvimento psicológico da criança - as quais consideram a inteligência como adaptação biológica à vida e em constante interação criativa entre o sujeito e seu ambiente - e reconhecendo na leitura uma riquíssima fonte de estimulação da criança, procurou-se relacioná-la às faixas de desenvolvimento cognitivo infanto-juvenil com as fases da leitura. A intenção fundamental foi apresentar um quadro de referências que, não sendo rígido, pudesse consistir num acessório útil ao trabalho com leitura na escola, uma vez que relaciona o estágio de desenvolvimento às fases e preferências de leitura que melhor preenchem as exigências do leitor/a em formação.

Se a leitura é sempre pessoal, sempre única, refletindo, inclusive, o momento vivido pelo seu leitor/a, há necessidade de, urgentemente, de rever as formas de leitura.

É preciso libertar o aluno/a diante de um texto para que ele possa torna se um leitor/a. Para que sê-lo não basta que aprenda a ler - subordinando a sua leitura à direção dada por um/a professor/a ou por um livro didático. Essa leitura - sinônimo de obrigação e de estudo - jamais contribuirá para que ele/a possa adonar-se das possibilidades (críticas e criativas) que farão dele um leitor/a.

Libertar o leitor/a seria, então, permitir a livre expressão no que foi visto e sentido diante de um texto, como oportunizar situações dialógicas (de conversação) onde o apreendido e o aprendido na leitura aflorassem; incentivar o uso de diferentes linguagens para auxiliar na construção do sentido do que foi lido; orientar o leitor/a sem dirigí-lo, para confrontação do lido com a sua realidade; dar espaço para a dúvida, para o questionamento para a não aceitação de possíveis "verdades" impostas por um texto.

2.2 A Imprensa Lageana

A apresentação do jornal local, O Correio Lageano, escolhido pelos/as estudantes se faz mister para este trabalho.

O primeiro jornal editado em Lages foi ***"O Lageano"***, cujo número inaugural, em formato pequeno, de 33 x 23 centímetros, apareceu em 14 de abril de 1883. Seu diretor, João da Cruz e Silva, oriundo do litoral catarinense radicou-se em Lages onde, além de agente dos Correios e Professor de Letras, foi muitos anos, secretário da Câmara Municipal.

O jornal continha apenas quatro modestíssimas páginas, sendo impresso num prelo.

O segundo jornal fundado em Lages foi ***"O SERRANO"***, lançado em janeiro de 1885, que em março mudou o nome para ***"ECHO DA SERRA"***, ligado ao Partido Liberal.

Surgiu em 26 de janeiro de 1886, ***"O ESCUDO"***, também vinculado ao Partido Liberal de Lages, foi o terceiro jornal editado em Lages. Sendo subtituído mais tarde, em 1893, pelo nome de "REBATE". Dirigia-o Córdova Passos.

"A GAZETA DE LAGES", bissemanário e conservador, obedecia à direção de Manoel Thiago de Castro.

"REGIÃO SERRANA" *foi* seguramente o jornal que alcançou a maior projeção nas três fases que marcaram sua atuação no Planalto Catarinense.

"O IMPARCIAL", de feição moderada nos seus dois primeiros anos, transformou-se em folha polêmica, em geral violenta, sobretudo de ataques à Igreja.

A 7 de março de 1936, foi lançado por Frei Arcanjo Moratelli, vigário de Lages, semanário ***"GUIA SERRANO".*** Jornal de orientação rigorosamente católica, sobretudo apolítico.

Com o desaparecimento do ***"GUIA SERRANO",*** surgiu o ***"CORREIO DE LAGES"***. E depois, a cidade passou a ter o ***"CORREIO LAGEANO",*** fundado em 21 de outubro de 1939, sob direção de João Ribas Ramos, Almiro Lustosa Teixeira de Freitas e Idalécio Arruda, que adquiriram o maquinário pertencente ao antigo jornal.

Durante doze anos, o ***"CORREIO LAGEANO"*** circulou semanalmente, quando em 1951, quatro idealistas assumiram o compromisso de oferecer ao público um veículo "independente e noticioso." José Paschocal Baggio,[2] Evilásio Neri Caon, Edézio Neri Caon e Sirth de Aquino Nicollelli definiram nesse mesmo ano uma nova missão:

> O Correio Lageano, enquanto estiver sob nossa orientação será um órgão livre, independente, sem subordinação a organização de qualquer espécie. [...] nos endereçando sempre aos anseios do povo, quer das produtoras, quer das classes trabalhadoras, humildes e de todas as categorias profissionais. (Edição Especial, 2009)

Inicialmente o jornal era bissemanário e trissemanário. Somente em 08 de outubro de 1967, o ***"CORREIO LAGEANO"*** passou a ser diário.

Em 2004, o ***"CORREIO LAGEANO"*** criou o projeto de Jornal e Educação, *o Lendo e Relendo*. Professores/as foram qualificados/as e milhares de jornais são distribuídos gratuitamente às escolas que participam, permitindo o acesso à leitura jornalística.

3. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

O relato da experiência sobre a leitura de jornais em sala da aula foi inicialmente trabalhado com as turmas de Ensino Fundamental, das séries finais, na discipli-

na de Língua Portuguesa, na E.E.B. Cora Batalha da Silveira, Lages/SC, a partir de 2008. Sendo que, a mesma continua acontecendo.

A parceria com o jornal Correio Lageano, através do projeto *Lendo e Relendo*, que disponibiliza semanalmente, jornais para as leituras em sala de aula possibilita a execução das atividades desenvolvidas.

As referidas atividades são elaboradas diante da proposta dos PCNs, onde a leitura e a produção de textos se concretizam como base para a formação do/a aluno/a. A qual, considera que a Língua não é homogênea, mas um somatório de possibilidades condicionadas pelo uso e pela situação discursiva. E o texto, unidade de ensino, é amparado pela diversidade de gêneros.

Atualmente os/as leitores/as têm uma dimensão mais crítica das informações, participam e tomam conhecimento das situações locais e regionais.

As reflexões sobre os assuntos abordam temas multidisciplinares e transversais: como ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho, consumo, entre outros assuntos.

Tendo em vista que no cotidiano das interpretações são estabelecidas através da interação didática, uma série de elementos que permitem o início e a permanência do diálogo sistematizado, como atividades de conversação e assembleias, as quais os/as estudantes têm a palavra para questionar, sugerir ou também, reclamar, publicar.

É fundamental analisar as intenções das matérias oferecidas pelo jornal, procurando fazer da interlocução um diálogo, focalizando aspectos políticos, econômicos e culturais, numa instigante interrogativa: quem, o quê escreve, como e para quem.

Entender o contexto social em que o texto é escrito permite superar os confrontos entre leitura interna e a análise externa, sem deixar de perceber que as fontes noticiosas jornalísticas mostram que o poder da informação não é neutro e sem objetivos.

Assuntos como a liberdade de imprensa, democratização do saber, acesso à informatização do conhecimento revelam que toda leitura é uma releitura e ler é (re) significar o texto.

---

[2] Responsável pela equipe do jornal Correio Lageano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da consciência do ato de ler e compreender a realidade, neste projeto discutiu-se as possiblidades de que "ler é participar, dialogar e descobrir novos horizontes" e "somente o leitor/a faz a história acontecer".

Por conseguinte, traçaram-se os objetivos: trabalhar com a leitura crítica, usando o jornal como recurso didático. Foi escolhido junto com a turma, o Correio Lageano, por se tratar do jornal da cidade e por oferecer um trabalho chamado "Lendo e Relendo", pois as escolas que fazem parte recebem gratuitamente os jornais.

Prosseguiu-se com uma pequena abordagem histórica sobre a Imprensa Lageana e organizou-se uma excursão para conhecer a montagem de um jornal.

No Correio Lageano, os/as alunos/as conheceram a elaboração completa de um jornal desde a sua digitação até a distribuição.

Começou-se, então, a explorar o uso do jornal em sala de aula: as divisões de um jornal (Arquivo de Jornais/Hemeroteca), leitura e discussão de artigos, os quais foram selecionados e colocados em mural (Mural Jornalístico).

Propôs-se à turma usar algumas partes do jornal em aula e cada grupo criou o nome para o seu jornal.

Depois trabalhou-se com classificados poéticos, artigos, entrevista e manchete (com lead).

Ao final da pesquisa, concluímos que a leitura e a participação acontecem na medida em que os alunos/as se deixam envolver pelo texto, identificando as intenções dos/as interlocutores/as. Para FÁVERO (2007), é através da ação que algo novo e significativo surge propiciando espaço para o diálogo plural sistematizado, o qual resgata as condições concretas para a efetivação da integração entre os saberes.

REFERÊNCIAS

CHEIDA, M. J. *A questão ética do jornalismo e a leitura crítica dos jornais nas escolas*. [Resumo de artigo científico]. Disponível em: http://www.pt.shvoong.com/.../1951626-questão-ética-jornalismo-leitura- crí tica/. Acesso em 30 ago. 2010

EXPOSIÇÃO CORREIO LAGEANO: Nestes 70 anos, nossa história é você. Lages: Edição Especial, 2009.

FÁVERO, Alcemira Maria et al. **Diálogo & Investigação:** perspectivas de uma educação para o pensar. Passo Fundo: Méritos, 2007, 125 p.

FONTANA, Rosili A. Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula.** 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. 175 p. (Coleção Educação Com temporânea)

HARRYS, Ray & Chris. **Faça o seu próprio jornal:** tradução Beatriz Marchesini: adaptação Paulo Cesar Nascimento, Maria do Carmo Pagani. São Paulo/ Campinas: Papirus, 1995.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996, 372 p.

PENIN, Sonia T. de Souza. **A aula:** Espaço de conhecimento, lugar de cultura. 4ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1994. 181 p. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

SILVA, Ezequiel T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pe dagogia da leitura**. São Paulo : Cortez, 4ª ed., 1987.

SMOLKA, Ana Luisa,; GÓES, Maria Cecília (orgs.) **A Linguagem e o outro no espaço escolar:** Vygotsky e a Construção do Conhecimento. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1996. 177 p. (Coleção Magistério: Formação e Traba lho Pedagógico).